

## A METÁFORA DE FESTA NOS ROMANCES DE IVAN ÂNGELO E MARIO VARGAS LLOSA

RAÍSSA CARDOSO AMARAL<sup>1</sup>; ALFEU SPAREMBERGER<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – issa.amaral@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – alfeu.sparemberger@outlook.com

### 1. INTRODUÇÃO

A proposta investigativa da dissertação, defendida em fevereiro de 2017, consistiu na análise da relação entre literatura e história nos romances *A Festa* (1976), de Ivan Ângelo e *A Festa do Bode* ([2000] 2011), de Mario Vargas Llosa. Os romances retratam, de modo geral, o período de exceção que ocorreu em países distintos: a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) e a ditadura da Era Trujillo (1930-1961) na República Dominicana, respectivamente. A relevância desta pesquisa reside no fato da notável ausência de pesquisas, no âmbito da Literatura Comparada, que relacionem a representação literária da ditadura civil-militar brasileira com a ditadura dominicana. Nesse ínterim, a hipótese inicial é a de que o significado de festa aparece nas narrativas de uma forma alegórica, pois ao invés de alegria e comemoração, temos interpretações que coincidem com a representação do que as ditaduras que ocorreram na América Latina são capazes de deixar de legado: sangue, dor e traumas. Momentos históricos extremos, como é o caso de um período ditatorial, são eternizados não apenas nos documentos históricos, mas pelas páginas literárias.

### 2. METODOLOGIA

As pesquisas realizadas na área de literatura consistem, de modo geral, em pesquisa bibliográfica, levantamento e seleção de textos teórico-críticos pertinentes para a discussão. Desse modo, a metodologia que fundamenta esta pesquisa é a mais básica dos estudos literários, pois se realiza primordialmente pelo levantamento de fontes teórico-críticas e análise literária. Em síntese, a metodologia que viabiliza esta pesquisa é específica da área dos estudos comparados em literatura. Tania Franco Carvalhal já afirmava que se trata de “[...] uma prática intelectual que, sem deixar de ter no literário o seu objeto central, confronta-o com outras formas de expressão cultural” (CARVALHAL, 1991, p. 13).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando pensamos no que é uma festa, uma primeira ideia surge: é um espaço onde o indivíduo precisará, de certa forma, se comportar de determinada maneira e socializar com um determinado público. Uma festa funcionaria, então, como o local onde o ser humano planeja determinados atos, ou melhor, exhibe “emoções ou a falta delas, dissimular ressentimentos, esconder mágoas, alardear amizades ou inimizades, ostentar riquezas e encantos – toda festa é uma ficção” (DALCASTAGNÉ, 1996, p. 45).

O experimentalismo estético transformou a narrativa de Ivan Ângelo em um enigma, pois a festa de aniversário de Roberto Miranda do ano de 1970 não é narrada na íntegra, algo que a própria estrutura dividida em “Antes da Festa” e

“Depois da Festa” já parece querer demonstrar. O leitor acompanha os bastidores, ou seja, os personagens sendo convidados e se organizando para participar da comemoração do aniversário, mas o “durante” da festa não aparece em sua plenitude: “é como se estivesse faltando uma parte, a qual, entretanto, não prejudica a integridade do relato porque sua realização como trama, como ação, é evidente naquilo que realmente faz parte da narrativa” (MACHADO, 1980, p. 54).

A festa ausente da narrativa de Ivan Ângelo, além de intencional, está relacionada com o período ditatorial que retrata, pois nos “indagamos se a festa propositalmente suprimida do romance indicaria a incompatibilidade entre celebração e repressão. É possível festejar em liberdade sob uma ditadura?” (RISSARDO, 2013, p. 16). Impossibilidade ou incompatibilidade do momento, a inexistência de um elemento que inclusive está no título da obra incomoda o leitor, pois o desloca da zona de conforto que o levaria a acreditar que, em determinadas páginas, iria encontrar a descrição da festa.

De acordo com as ideias de Brait (1995), a festa é o local de conexão entre os personagens da burguesia mineira. Compartilhando dessa ideia, Dalcastagné afirma que “A festa de aniversário é um marco, uma espécie de ponto de encontro onde se apresentariam diversas gerações, com seus dramas pessoais, suas ambições, sua estupidez” (1996, p. 62). Enquanto a classe popular está cercada no meio de uma praça de Belo Horizonte, a classe abastada estava envolvida com os preparativos para comparecer à festa. Os dois grandes blocos de personagens estavam, então, separados nos dois espaços referenciais da narrativa: o público, a Praça da Estação, e o privado, o apartamento luxuoso de Roberto Miranda.

A *Festa* demonstra, pela epígrafe, por meio das notícias censuradas de jornais, pela geração de escritores que se sentia sufocada e com bloqueio de criatividade, e também pelas duas festas de aniversário de Roberto (a primeira, colocada sob suspeita pela polícia e a segunda invadida pela polícia, em um grandioso ato de violência extrema) que naquele universo repressor não cabia local para celebração alguma, tudo era passível de investigação e de represálias, causadas na forma de dor e sofrimento. Nessa perspectiva, cabe salientar que “A força da metáfora é proporcional à quantidade e qualidade das coisas que ela for capaz de sugerir de modo sintético. Ela é tanto mais surpreendente quando mais distantes entre si forem os elementos da comparação” (KOTHE, 1986, p. 9).

Assim como acontece com a narrativa de Ivan Ângelo, na qual muitas leituras interpretativas incidiram a respeito da metáfora de festa, não é diferente com a leitura do romance de Vargas Llosa, que nos dá sinais interpretativos a partir da imagem da capa, *Alegoría del mal gobierno* (fragmento), pois retrata um demônio, figura emblemática relacionada ao bode. O diabo, ser mitológico que se aproxima das pessoas através da sedução, vincula-se à imagem do ditador, que imaginava ser o todo-poderoso que podia dominar física e sexualmente o povo dominicano a seus pés.

A personagem Urania Cabral imaginava que iria a uma festa ofertada por Trujillo quando, na verdade, ela era o “presente” que seu pai, Agustín Cabral, numa tentativa extrema de voltar ao *Trujillato*, entrega ao ditador: “[...] Manuel Alfonso tentava ludibriá-la, para que se sentisse feliz e afortunada. Uma festa de Trujillo para ela sozinha!” (LLOSA, 2011, p. 432). Urania Cabral carrega consigo o fardo da história oficial e as consequências do período ditatorial em sua vida, isto é, as práticas destrutíveis do estupro e do engano, pois ela acreditou no que seu pai havia inventado para persuadi-la a ir a “festa” de Trujillo. Ao rememorar os fatos dolorosos do estupro que lhe retirou tudo, inclusive a identidade dominicana,

Urania realiza um processo de “[...] não se esquecer do passado, mas também agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente” (GAGNEBIN, 2006, p. 55). Em ambos romances, a festa é uma metáfora do que aqueles sistemas repressores foram capazes e, portanto, é uma alegoria para os traumas, as dores, o sangue derramado que manchou festas, praças e todo e qualquer tipo de espaço.

#### 4. CONCLUSÕES

O sentido de festa, na leitura das narrativas, funciona como uma alegoria para a compreensão dos períodos ditatoriais (o brasileiro e o dominicano). Em *A Festa*, a elite mineira, acostumada com o jogo de aparências que uma situação social como uma festa solicitava, “espaço social em que parecer ser deixa fluir o ser de cada um” (BRAIT, 1995, p. 232), é massacrada pelas forças repressoras, num momento histórico em que todo tipo de liberdade – seja ela a de expressão ou a sexual – estava vigiada pela censura. No contexto brasileiro, havia a impossibilidade de comemoração, comprovada pelas duas tentativas de Roberto Miranda que falharam: em 1970, sua festa de aniversário é colocada sob suspeita, investigada para saber se tinha relação com os acontecimentos da praça e, em 1971, a festa dos seus 30 anos é invadida pelas forças repressoras que, por onde passam, deixam como lembrança um rastro de sangue.

Da mesma maneira, pode-se considerar que o sentido metafórico de *A Festa do Bode* “era justamente a grande comemoração que “ele”, o *Generalíssimo*, fazia enquanto usufruía do poder e ‘brincava’ com a vida de uma nação inteira” (TAVARES, 2007, p. 166, grifos do autor). O sentido implícito de festa nas obras de Ivan Ângelo e Mario Vargas Llosa é demarcado pelo autoritarismo, isto é, são festas manchadas de sangue e violência. Elas evidenciam que as experiências traumáticas são um legado das ditaduras que ocorreram na América Latina.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÂNGELO, Ivan. **A Festa**. São Paulo: Vertente Editora Ltda, 1976.

BRAIT, Beth. A narrativa como criação e resistência: a cumplicidade da escritura. In: ÂNGELO, Ivan. **A Festa**. Coleção Mestres da Literatura Brasileira e Portuguesa. Rio de Janeiro: Record, 1995.

CARVALHAL, Tania Franco. Literatura comparada: a estratégia interdisciplinar. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. I, n.1, p. 09-21. Niterói, UFF, março, 1991.

DALCASTAGNÉ, Regina. **O espaço da dor – o regime de 64 no romance brasileiro**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

LLOSA, Mario Vargas. **A Festa do Bode**. [Título original: *La Fiesta del Chivo*] Rio de Janeiro: Objetiva/Alfaguara, 2011.



KOTHE, Flávio R. **A Alegoria**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MACHADO, Janete Gaspar. **Os romances brasileiros nos anos 70 – fragmentação social e estética**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1981.

RISSARDO, Agnes. Entre o documento e a ficção: experimentalismo, denúncia e resistência na prosa de Ivan Ângelo. In: **Revista Contemporânea – Dossiê História & Literatura**. Universidade Federal Fluminense (UFF), ano 03, n 4, vol. 02, p. 01-18, 2013. Disponível em: <[http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/9\\_Entre\\_o\\_documento\\_e\\_a\\_ficcao\\_1.pdf](http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/9_Entre_o_documento_e_a_ficcao_1.pdf)> Acesso em: 10 out. 2016.

TAVARES, Carla Rosane da Silva. **A perspectiva da mulher como resistência às configurações ideológicas do ditador latino-americano: o romance de Julia Alvarez e de Mario Vargas Llosa**. Porto Alegre: 2007. Tese de Doutorado em Literatura Comparada – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12752>> Acesso em: 10 abr. 2016.